

BIBLIOTECA ESCOLAR - PROFISSÃO E CIDADANIA¹
SCHOOL LIBRARY – PROFESSION AND CITIZENSHIP

Graça Maria Fragoso

Bom dia para todos e agradeço o convite para este encontro.

Inicialmente, lembro-lhes de que sou essencialmente afeita ao gênero de ‘proseadora’. Consoante a mineira das montanhas, com noventa por cento de ferro nas veias e cem por cento de ouro no coração, apetece-me realmente um longo bate - papo, ao redor do fogão de lenha, acompanhado de pão - de - queijo e cafezinho. São esses os ingredientes para uma interlocução legítima entre emissor e receptor, no assunto que viso tratar.

Convido, portanto, vocês a formarem comigo uma grande roda de conversa, e nela apresentaremos considerações coletivas sobre escola , biblioteca , bibliotecários ...

Sou bibliotecária escolar por opção. Educação faz parte de minha história pessoal : estive sempre vinculada a ela. Nasci numa família de educadores – minha bisavó foi a primeira professora formada a atuar no Estado do Rio de Janeiro. Com meus pais , vivenciei a leitura como um grande prazer. Ela estava presente em seu cotidiano. Mesmo na labuta diária ainda encontravam tempo para usufruir das linhas e tecer longos textos. Não era difícil encontrá-los com livros , jornais e outros documentos escritos nas mãos. Lembro-me sempre de meu pai , recortando jornais para levar para aqueles que com ele trabalhavam, e de minha mãe coletando as novidades cotidianas. Penso que aprendi assim a fazer hemeroteca. Nossas noites eram sempre finalizadas com longos bate – papos e histórias e apresentações cênicas .

Educação é campo instigante, dinâmico, sem rotinas e sempre em movimento . Educação me seduz e me faz bem. Atuar na formação de um ser humano é uma emoção difícil de

ser descrita - uma aproximação onde o afeto está presente efetivamente. O cotidiano escolar fica melhor com carinho e afeição .

Atualmente, são várias as dificuldades que enfrentamos como educadores. Nossas escolas são palco de violência , nosso sistema educacional vem se deteriorando a cada dia, reflexo de uma sociedade voltada para o ter em excesso e a escassez do ser. Mudanças significativas precisam ser ativadas para que possamos atuar dignamente na formação de nossas crianças e jovens .

Hoje vivemos o problema da falta de tempo. Uma era de ansiedades, questionamentos , velocidade e obsolescência. A novidade – tudo é passível de mudança - o celular antes apenas um aparelho para agilizar e facilitar a comunicação, hoje é máquina fotográfica, câmera de vídeo e muito mais. O tênis faz correr , carro é fetiche de poder assim como enciclopédia é fetiche do conhecimento e esperança é fetiche do amanhã ... De um lado os com telas, do outro os sem telas ... e sem necessidades básicas de sobrevivência – como saúde, educação, alimentação, saneamento básico etc ... etc

É nesse emaranhado de mídia e de médias que educamos – nelas a cada momento é estampado com exclusividade – morte de índio e garçom por brincadeira e de pai e mãe por amor. Entristece-nos ver que a cada dia nossos jovens estão enfraquecidos por estarem longe das necessidades mais simples e desde sua idade mais precoce. Leitura não faz parte desta geração que zapea. Não lêem porque livro não tem controle remoto para folhear as páginas e concentrar é perda de tempo. E nas salas de aula querem zapear até o professor .

Assim, atentos a estas dificuldades é que devemos estar sintonizados ao papel da biblioteca na escola, um local de estímulo e motivação para a leitura como instrumento de aprendizado. Só superaremos o grave drama pela qual passamos se construirmos uma sociedade leitora pautada em valores éticos e solidários.

Portanto, cabe a nós, bibliotecários, despertar da letargia em que se encontram nossas bibliotecas escolares, que dormem profundamente na maioria das escolas brasileiras. Elas são estereotipadas por aqueles que não a vêem como um centro difusor de conhecimento .

São invariavelmente distorcidas as visões que se costumam ter de uma biblioteca. Ora é lugar sagrado, onde se guardam objetos também sagrados para desfrute de alguns eleitos. Ora, sob uma óptica menos romântica , é apenas uma instituição burocratizada, que serve para consulta e pesquisa , assim como para armazenar bolor, cupim e traças. Para poucos , aqueles que a freqüentam assiduamente, ela constitui o local do encontro com o prazer de ler, conhecer, informar-se.

O fato é que, quando se trata de Brasil, a maioria das pessoas desconhece o verdadeiro papel de uma biblioteca em suas vidas . E esta afirmação se aplica tanto aos usuários potenciais quanto àqueles que de um modo ou outro têm responsabilidade pelo seu funcionamento .

Por inúmeras razões, as bibliotecas escolares brasileiras estão ainda longe de cumprir sua importantíssima função dentro do sistema educacional. Poucas instituições dispõem de recursos e visão necessários (duas condições que nem sempre andam juntas...) para manter uma biblioteca digna desse nome. E raros são os profissionais empenhados em prestar serviços que realmente dêem alicerce ao aprendizado e à vida cultural da escola .

Pensamos , porém que eles existem e estão começando a se desenvolver, ainda que discretamente, uma nova imagem da biblioteca e do bibliotecário escolar. Nestes 19 anos em que tenho transitado por vários Estados brasileiros, tenho conhecido pessoas que buscam escolarizar o espaço da biblioteca (Florianópolis, Goiânia). Não se trata de realizar nenhum passe de mágica, como costumo citar em meus apontamentos, embora admita que enfeitiçar a comunidade escolar faça parte de meu trabalho. Trata-se apenas de tornar a leitura – em toda a amplitude desse conceito – uma extensão

natural do cotidiano escolar e a biblioteca um ambiente cultural.

Consciente de que nossas bibliotecas escolares necessitam com urgência serem redimensionadas, traçamos as carências profundas na sua performance. Fundamentalmente estabelecem-se as principais dificuldades in loco - o espaço físico, o acervo, o profissional e métodos leitores.

Antecipando-se a elas, está a ausência de um programa nacional para bibliotecas escolares. Nada de atitudes simplistas e eleitoreiras - como distribuição de livros (Programa Literatura em Minha Casa - MEC - 21 milhões de exemplares para 126 692 escolas públicas que atendam turmas de 4. série. Receberão os livros 3,5 milhões de estudantes). Estes muitas vezes não chegam às mãos dos leitores. e estão estocados em salas administrativas ou trancafiados em bibliotecas. Não existe um programa oficial que defina com clareza a biblioteca como direito e deva ser incorporada ao projeto pedagógico, através de ações concretas que estabeleçam critérios para o espaço físico, o acervo e o profissional.

Sobre o espaço físico, na maioria das vezes, apenas contamos com locais mal arejados e ausência completa de salas. Em locais improvisados, guardam-se alguns livros. Assim, a biblioteca continua a constituir-se em um depósito provisório da memória, das idéias e do pensamento emancipador da realidade brasileira.

Em seguida, tracemos o perfil do acervo. Livros didáticos são as fontes de referências geralmente utilizadas. Registra-se passivamente a ausência de política de seleção e aquisição. Aqui abro um parênteses - vejo como necessário que as editoras adotem uma nova política para distribuição dos livros didáticos, que acabam indo parar nas bibliotecas das escolas. A função do livro didático não é ser fonte de referência.

Consideramos, em conclusão, a carência profissional . Falamos, então, das virtualidades do bibliotecário escolar. Quais serão elas? Na maioria das vezes, concebemos apenas a dimensão de profissionais burocráticos, sem emoção, sem empatia verdadeira e sem compromisso pedagógico com a instituição. Nesse estado letárgico, aguardam ansiosos a saída do último leitor, a fim de apagarem as luzes. Dessa forma, também se apaga a esperança de todos aqueles que penetram surdamente no reino das palavras, em busca de soluções para os seus problemas cotidianos. Numa visão universalista, mofam as idéias de melhoria na educação e no progresso do nosso país, sempre esquecido e tão grandioso.

Mediante essa incursão pelo mundo pouco transparente da biblioteca escolar, chegamos à conclusão de que tudo é escasso. Tal espaço seria, em outra situação, privilegiado e distinto como local do diálogo e troca de experiências para o educando e educador brasileiro. Trata-se aqui de partirmos para mudanças significativas: a biblioteca conforma-se como ambiente de fundamental importância, no interior da instituição de ensino. Estas agora se transformam em shopping culturais, as instituições particulares vendem o “produto” educação em *outdoor* e classificados dos jornais e revistas. Por apenas alguns reais, você pode optar por esta ou aquela escola e desfilas com camisetas, bonés, mochilas, agendas, etc. As instituições públicas ficam à mercê de projetos políticos . Percebemos, no entanto, que raramente a biblioteca é mencionada como um recurso a mais para implantação da proposta pedagógica.

E então? Como transformá-la num espaço catalisador de transformações sociais?

Acreditamos que mudanças surgirão, à medida que a comunidade escolar - bibliotecários, educadores, educandos , administradores, pais e funcionários se mobilizarem e atuarem em ações concretas, acreditando na força dinamizadora e transformadora de leitura. Bibliotecas fechadas ou "semi-

abertas" representam sempre menos consciência cívica e social dos cidadãos. Nesse campo, caberia abordarmos a situação específica das crianças e dos adolescentes.

Num país sem tradição bibliotecária, a leitura e a escrita tornam-se elementos de luxo e não direito ou prazer estético. Manter uma biblioteca em funcionamento constitui dispêndio econômico para a escola. Porém, o verdadeiro desgaste monetário advém da manutenção de crianças e adolescentes longe de nossas escolas. O futuro do país depende da qualidade da escola. E só haverá autêntica qualidade quando existir a presença da biblioteca real no interior da escola. Aquela gerenciada por bibliotecários especializados que abraçarem a educação como opção profissional .

Mas quem é este profissional?

Assistimos ao desenvolvimento tecnológico da humanidade. E conhecemos bibliotecas automatizadas que atendem com precisão a seus leitores. Uma intrincada rede de informações faz o intercâmbio destas bibliotecas com o restante do planeta. A aldeia global torna-se agora uma realidade virtual. A Internet comprova amplamente a comunicação irrestrita e avança para o futuro com imprevisíveis descobertas e acessos tecnológicos. Através da rede de informação, a Terra fica pequena. Uma volta ao mundo processa-se em 80 minutos nas modernas bibliotecas. Se Júlio Verne estivesse vivo, certamente descreveria longas viagens além da galáxia.

Surge, naturalmente, o profissional mais especializado - o gerente da informação, o cibertecário e ou infortecário (assim são chamados os bibliotecários atualmente). O ensino superior oferece possibilidades de graduação como: Ciência da Informação, Biblioteconomia, Técnico em informação, Comunicação Tecnologia entre outras ...

Nas bibliotecas escolares, a história é outra. Contamos, às vezes, com profissionais qualificados, mas sem motivação, outras vezes sem especialização e aguardando a hora de se

aposentarem. Falamos especificamente do "robotecário", elemento apático, sem desejo, sem paixão, sem elementos motivadores que estimulem a máquina da criatividade sempre presente no cérebro do homem. Ou, ainda, do animador cultural – cujo enfoque é a dinamização .

Em bibliotecas obsoletas, a tecnologia seria o entusiasmo e a celebração do belo - tecnologia que denomino da emoção. Mas esta é conhecida somente por aqueles que nela atuam com desenvoltura e dinamismo, gerando vida a nova à comunidade escolar.

O profissional que atua em bibliotecas escolares deve, antes de tudo, integrar-se afetiva e afetivamente no processo pedagógico. Sem este quesito básico, sua função será sempre a de guardião, aquele que conta livros e faz estatística sem função social.

Precisamos, dentro de nossas bibliotecas escolares, não de guardiões de acervos, mas de articuladores de ações dinamizadoras; não de contadores de livros, mas contadores de histórias; não de estatísticas, mas de qualidade de leitura.

Então, de onde surgirá este profissional? Das escolas de biblioteconomia certamente não emergirá essa potencialidade, devido à ausência de mudanças em seus currículos, uma vez que dali proliferam técnicos. Aqui cito as palavras da professora Maria das Graças Monteiro de Castro, da Universidade Federal de Goiânia, “atualmente já não há espaço para a formação de um profissional com ênfase na característica tecnicista e reprodutor de normas. O mercado necessita de um profissional que compreenda a extensão de seu papel na sociedade, atuando como mediador indispensável à produção do conhecimento”.

Também não se cogita das escolas que formam educadores, mas que jamais citam em seus programas as bibliotecas como parte integrante da escola. De onde surgirá este profissional que motivará a comunidade escolar - aluno,

professor ou funcionário, para envolvimento com projetos leitores?

Acreditamos que esta personalidade seja encontrável ao longo do território brasileiro. Seja ele bibliotecário especializado ou não, sua atuação dentro da instituição de ensino dependerá de sua postura e consciência cidadã. Cabe a este profissional gerenciar com habilidade o espaço privilegiado da escola, transformando a biblioteca num local de encontro entre a alegria de ler e o questionamento em torno do que se quer aprender.

Nossas bibliotecas escolares necessitam de mudanças que agilizem e que as integrem ao processo pedagógico. Infelizmente, as decisões hierárquicas, de cima para baixo, nem sempre vêm ao encontro ao anseio da sociedade.

Leitores solidários serão cidadãos do futuro. Em conjunto, poderão criar mentalidades novas para a vivência no terceiro mundo, possibilitando o extermínio dos fatores de desintegração do povo, como a fome, a miséria, o analfabetismo.

Para que o processo de conscientização se efetive no Brasil, apresento algumas recomendações:

1. Que se estabeleça um programa oficial para bibliotecas escolares – seja no âmbito municipal, estadual ou federal e que haja a presença do bibliotecário desde a concepção da proposta até sua implantação.

2. Que as escolas de Biblioteconomia ou Ciência da Informação ofereçam aos profissionais que optaram por educação um Currículo visando à sua futura atuação: História da Educação e seus pensadores, Etapas do desenvolvimento da Criança e Adolescente, História da Literatura, Arte em Geral, Legislação e Ética como prioridade imediata.

3. Que haja projetos para nossas bibliotecas escolares. Providenciem-se espaços físicos adequados e que estes deixem de ser o eterno espaço provisório definitivo.

4. Que nossas bibliotecas escolares sejam gerenciadas por profissionais leitores conscientes e integrados ao processo pedagógico e que atuem como gerenciadores de ações pedagógicas e não como meros guardiões de acervo.

5. Que os acervos das bibliotecas escolares sejam estabelecidos através de participação da comunidade escolar.

6. Que a biblioteca escolar possa ser um setor desburocratizado: todo processo organizacional (manual ou automatizado) deve ser simplificado e adequado aos interesses do leitor e às propostas pedagógicas. O bibliotecário leitor usa a técnica para produzir conhecimento.

7. Que as escolas que formam educadores priorizem em seus currículos as bibliotecas escolares como agentes catalisadores de transformações sociais, sensibilizando assim futuros educadores para propostas pedagógicas integradas à biblioteca.

8. Que nossas bibliotecas escolares surjam da construção coletiva. A comunidade escolar participa de seu desenvolvimento. Almejamos uma biblioteca construída por todos. Um local de convivência e solidariedade.

9. Que os bibliotecários falem... Que participem de mesas de negociações, que se apresentem para a vida como cidadãos conscientes de seu papel dentro da sociedade. Bibliotecário é opção profissional ... cidadania é quesito fundamental para nossa convivência social.

Enfim, que a burocracia e a política não consigam emperrar o trabalho dos educadores e dos bibliotecários. Não se pode esperar de braços cruzados pelo “final feliz”. É preciso que se somem esforços para que coletivamente possamos atuar como bibliotecários de bibliotecas escolares reais. Aquelas tão sonhadas por todos aqueles que acreditam em educação e

leitura como um bem cultural e direito de todo cidadão brasileiro.

Para encerrar nossa roda de conversa cito, Carlos Drummond de Andrade, o centenário poeta mineiro: “Tenho apenas duas mãos e o sentimento do mundo. Não nós afastemos muito, vamos de mãos dadas”.

NOTA

1 Conferência proferida no XXI Painel de Biblioteconomia em Santa Catarina, realizado em 21 e 22 de novembro de 2002, Florianópolis.

Graça Maria Fragoso

Bibliotecária especializada em educação. Consultora em Bibliotecas Escolares. Belo Horizonte – Minas Gerais
E-mail: fragoso.bh@terra.com.br
